
MARXISMO E FEMINISMO: RESENHA DE *O PATRIARCADO DO SALÁRIO* (BOITEMPO, 2021), DE SILVIA FEDERICI

MARXISM AND FEMINISM: REVIEW OF *O PATRIARCADO DO SALÁRIO* (BOITEMPO, 2021), BY SILVIA FEDERICI



Dossiê

Atualidade do realismo: utopia e distopia

Organizadores:

Prof.^a Dr.^a Ana Laura dos Reis
Corrêa



Prof. Dr. Martín Ignacio Koval



Prof.^a Dr.^a Renata Altenfelder
Garcia Gallo



v. 32, n. 62, agosto, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 25/08/2022
Aprovado em: 29/03/2023

Distribuído sob



Bárbara Del Rio

barbaradelrio.mg@gmail.com

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Atualmente, é professora adjunta no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Possui experiência docente no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, no Ensino Técnico e na Graduação das redes particular e federal de ensino. Possui experiência nas áreas de Literatura Brasileira, Literatura, Cultura e Sociedade, desenvolvendo pesquisas relacionadas aos temas: crítica literária, história da literatura, pré-modernismo, romance de 30 e trágico enquanto categoria estética e histórica.

Marxismo e discussão de gênero sempre foi uma abordagem cara para Silvia Federici, sobretudo em uma perspectiva integrativa, que não relegasse a condição das mulheres à questão cultural, fruto da superestrutura. Nos seus livros anteriores, *Calibã e a bruxa* (2004) e *O ponto zero da revolução* (2013), Silvia traz a mulher para o diálogo ativo na luta contra o capital e nesta obra *O patriarcado do salário*, em especial, encara o desafio por mostrar como o trabalho doméstico não remunerado é um elemento determinante, que foi deixado de lado pelo pensamento marxista, para a composição de valor e força de trabalho.

Dividido em artigos cujas datas de publicação variam de 1975 a 2018, a obra tem um encadeamento crescente que se inicia por mostrar que o salário patriarcal não chegou até as mulheres como aconteceu com os trabalhadores, forçando-as ao trabalho assalariado, quase uma escravidão, e ao trabalho reprodutivo. Esse aspecto forma e reforça a ideologia da família burguesa. A autora demonstra como que a luta feminista está no centro da luta anticapitalista e, para isso, utiliza os conceitos marxianos de trabalho e luta de classe alargando-os. Federici não é omissa no viés argumentativo e aponta a importância de se discutir a questão racial e ambiental. Assim critica os estudos marxistas que enfatizaram o desenvolvimento industrial como construção de uma sociedade baseada na justiça social.

Todas essas revisões são muito interessantes pois revelam impasses dentro do pensamento marxista para a sociedade comunista sobretudo com os olhos do presente. Hoje as necessidades que estão postas dificultam pensarmos em revolução com aqueles moldes sobretudo quando compreendemos que para construir uma sociedade justa, caracterizada pela distribuição igualitária de riqueza natural e social, envolve também o acesso à tecnologia indispensável a vida. Interessante que a todo momento a autora não rejeita a obra de Marx nem deixa de reconhecer sua importância única. Aqui ela destaca a magnitude de *O capital* e *Gundrisse* representantes das categorias e linguagens necessárias não só para compreender o pensamento do filósofo quanto para pensar o sistema capitalista e a lógica que impulsiona sua reprodução constante. A intenção reiterada é pela ampliação atualizada da discussão reconhecendo sua dimensão mais profunda, assim revolucionária e radical.

Planejamento contraestratégico na cozinha (1975)

Esse texto foi originalmente escrito em resposta a Carol Lopate, “Women & pay for housework”. Silvia resgata Marx e mostra como que um visão feminista pouco crítica reforça os pressupostos capitalistas: depois de Marx, fica evidente que o capital domina e se expande por meio do salário. A grande questão é pensar como a exploração também se reproduz de maneira mais eficaz para trabalhos não assalariados. No caso das mulheres isso se mistura a um assistencialismo pessoal e o trabalho doméstico foi, em toda a tradição da esquerda, de Lenin a Gramsci, marginalizado, assim como excluía da luta revolucionária, a figura da dona de casa. Ora, enxergar o trabalho doméstico como um estágio pré-capitalista, externo ao capital, é estar cego à correlação entre o subdesenvolvimento, o terceiro mundo e a condição assalariada. Se investigarmos isso a partir da condição da mulher que tem o direito a trabalhar (oferecido a todo o trabalhador e trabalhadora), compreendemos que historicamente esse direito seria o direito de trabalhar mais e

ser mais explorada.

A frente de luta “Wages for Housework” é abordada, assim como o artigo de Lopate, revelando um raciocínio refinado de que o pagamento pelo serviço doméstico não anula a forma de opressão já que o salário não representa apenas uma quantia em dinheiro mas expressão primária da relação de forças entre o capital e a classe trabalhadora. Silvia rebate a argumentação de que nas américas, nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres “efetivamente trabalham” pela recusa de enxergar o trabalho e a exploração apenas diante da presença do dinheiro. Assim, ela traça uma linha de raciocínio mostrando que o fato de não enxergar o trabalho doméstico como um trabalho é fruto de um passado cujo capital foi acumulado com base no trabalho escravo.

Chamando atenção para força de trabalho que empregamos nas tarefas diárias da costura ou da cozinha, demonstra um universo maior que a limpeza da casa:

é servir a mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar das nossas crianças – futuras mão de obra – ajudá-las desde o nascimento e ao longo do anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo também esperem delas. Isso significa que por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida produzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas. (FEDERICI, 2021, p.28-29)

Esse trabalho oculto é a condição essencial para a produção de todos os estágios do desenvolvimento capitalista. Isso varia nos países de acordo com o os pilares do capital, mas o fato é que conseguir ou não um emprego assalariado nunca nos libertou do trabalho doméstico. As dimensões do que parece ser bem estar social como o auxílio de creches, lava louça automática, máquina de lavar roupas, etc não significa dispor de tempo para si mesma e nem significa otimização, alias “ser trabalhador produtivo não é uma sorte, mas um azar”, escreveu Marx.

A indenização pelo salário seria muito

pouco frente a opressão da ideologia capitalista em colocar a família como esfera privada que opõe ao aspecto da comunidade, reforçando a escravização do lar como um ato de amor. Deste modo, a autora revela como a exploração capitalista do trabalho tem a expressão e a manutenção a partir da organização do núcleo familiar. Deste modo, o subjugamento da mulher não tem base moral apenas e não pode ser tratado como falsa consciência ou educação, já que é parte do sistema econômico. A luta começa com a força social pelo salário, mas a intenção é algo fora disso. Se sustentar apenas com as demandas salariais como pauta, faz a esquerda típica por discutir apenas a medida da exploração do poder do capital. Assim, se a intenção é encaminhar a discussão e ampliá-la para as bases da humanização revolucionária, é preciso pensar nessa ambiguidade que o salário e o trabalho trazem.

O capital e a esquerda (1975)

O destaque é para o reconhecimento das mulheres nos grupos esquerdistas. Em 1960, o parâmetro começa a ser modificado, mas existe uma dificuldade em incluir a mulher dentro dos “agentes revolucionários”: “a esquerda ataca nossa luta porque, como trabalhadoras domésticas, não estamos à altura do papel produtivo que ela atribui à classe trabalhadora” (FEDERICI, 2021, p.51)

A abordagem da autora é a crítica do “modelo chinês”, que representa a socialização e a racionalização do trabalho doméstico além da auto gestão. Ela revela que esses pilares são meios de manutenção da mulher na condição de explorada e participando do planejamento da própria exploração. A explicação rememora a discussão das “casas-comuna”, na Rússia, ironicamente chamadas de “farsa-comuna”. A discussão avança e revela que, mesmo dentro de uma instituição socialista, os conflitos de classe e antagonismos sociais não desapareceriam, mas se tornariam mais evidentes.

Gênero em *O capital*, de Marx

Há um reconhecimento por parte da

autora de que hoje a aproximação entre a discussão feminista e a releitura de *O capital* vigora, sendo reveladora e potencialmente necessária para ambos estudos. A ênfase é no controle patriarcal sobre a vida das mulheres e na importância do método materialista histórico para compreender como se formam as hierarquias e identidade de gênero como produção social:

Dividi o que se segue em duas partes, na primeira parte, analiso a visão de gênero para Marx, conforme articulada em sua análise sobre a contratação de mulheres para o trabalho industrial, no livro I, de *O capital*. Também teço comentários sobre silêncio de Marx especialmente no que concerne à relação das mulheres com o trabalho doméstico. (...) Na segunda parte deste artigo, reviso essa crítica desenvolvida antes pelo movimento “Wages for housework” do qual fiz parte. Argumento que, porque lemos politicamente a análise de Max sobre o capitalismo, poderíamos levar a sua teoria sobre a reprodução social a lugares que, em sua obra, permanecem ocultos, tornando-a base de uma teoria feminista centrada na redefinição do trabalho doméstico como atividade que produz força de trabalho e, como tal, torna-se condição essencial da produção capitalista e da acumulação de riqueza. (FEDERICI, 2021, p.64)

Marx, feminismo e a constituição dos comuns

O capítulo começa com uma indagação sobre como os princípios do marxismo podem fundamentar e trazer luz à construção de uma teoria e política feminista. A saída está no conceito “princípio dos comuns” e na flexibilização dos axiomas políticos depois da derrota da Comuna de Paris. Marx é inegavelmente importante pelas análises sobre mais-valor, dinheiro e forma-mercadoria e acima de tudo pelo método materialista dando luz à discussão histórica da luta de classes. Contudo, isso ainda é insuficiente para a compreensão do capitalismo, como se procura mostrar. É preciso trazer novas bases a teoria mas é impossível destituí-la. A questão se concentra sobretudo no momento de “acumulação primitiva” para o capital, quando o mestre se concentra no trabalho assalariado, supondo o papel de vanguarda do trabalhador, e deixa de lado o lugar das pessoas escravizadas,

colonizadas e não assalariadas. A visão de Marx sobre o comunismo, que está além do valor de troca, da propriedade privada e do dinheiro, representa um ideal que une também o feminismo anticapitalista.

O materialismo marxista é necessário por reconhecer que a subordinação social é produto histórico, enraizado numa divisão do trabalho, desnaturalizando a divisão sexual desse trabalho. Analisar a posição social das mulheres sob o prisma da exploração capitalista nos ajuda a transcender a política de direitos a nós minimamente garantidas e ir além denunciando a manipulação e manutenção da ordem existente. Assim, é preciso dar a ênfase no peso do trabalho doméstico, e da procriação, deslocando-os da posição de função natural para compreender seu lugar interessado pelo capitalismo e pelo Estado.

A revolução começa em casa: repensando Marx e a luta de classes (2018)

A proposta da autora, considerando o desenvolvimento do capitalismo e a teoria marxista, é a demonstração e combate ao novo tipo de patriarcalismo que se impõe, o qual reproduz a produção capitalista no ambiente familiar, se ergue sobre o poder do salário masculino, criando hierarquias que minimizam as mulheres e crianças. Essa marginalização pode ser observada historicamente. A segregação feminina ocorre também no programa para o socialismo e na tradição marxista o que nos leva a refletir sobre em que medida isso foi apenas um engano ou realmente parte do capital e da cultura já sedimentados.

Especificamente em relação à reprodução, Marx não se atenta ao trabalho feminino, mas a autora chama atenção para como o sistema capitalista torna a força de trabalho a essência do valor e como o capitalismo se interessa por movimentos demográficos regulados, fazendo políticas a capacidade reprodutiva das mulheres. O capitalismo sempre contou com a regulação do corpo feminino e com movimento migratório para satisfazer a necessidade de força de trabalho.

O trabalho doméstico, que Marx se refe-

re apenas em notas de rodapé de *O capital*, é o gatilho mais importante para entender como que a condição do assalariado é de dupla exploração e invisibilidade. Assim, a proposta é pela ampliação da figura do operário, incorporando assalariados, trabalhadoras, camponesas, pessoas de origem africanas escravizadas e outros sujeitos coloniais: “Marx lamenta que, com o surgimento do trabalho industrial, o homem, adulto, trabalhador, o pai, se torna um “mercador de pessoas escravizadas”, vendendo o trabalho da esposa e das crianças a seus empregadores”, mas ele não questiona como isso foi possível (FEDERICI, 2021, p.141). Conclui-se que para discutir isso, Marx teria que analisar as raízes e implicações social da norma patriarcal, reconhecendo como ela fundamenta as relações capitalistas. Era preciso ter atenção sobre o direito das mulheres já que também eram direitos trabalhistas.

Origens do trabalho doméstico na Inglaterra: a reconstrução da família proletária, trabalho doméstico e o patriarcado do salário.

O trabalho doméstico é associado às mulheres como uma vocação, mas ele é fruto de uma reforma social junto à classe trabalhadora empenhada pela classe capitalista na Inglaterra e Estados Unidos que retirou as mulheres do ambiente fabril. Isso se transforma em ideologia na medida que o próprio trabalhador exige essa mudança e cria um distintivo de respeitabilidade por sustentar o próprio lar. O interesse dos homens trabalhadores e capitalistas coincidiam e mirava no temor da recusa das mulheres em reproduzir implicando em distúrbios sociais. Tudo isso ainda contou com o avanço da indústria, na chamada segunda revolução industrial, em que houve troca da produção de algodão pelo aço carecendo de mão de obra mais forte e produtiva: “As mulheres começavam uma jornada que as tornou mais dependentes dos homens e cada vez mais isoladas uma das outras, forçadas a trabalhar no espaço fechado da casa, sem o próprio dinheiro e sem limites de horas para o seu trabalho” (FEDERICI, 2021, p.170)

Notas sobre Marx e ecologia

A autora afirma ser espinhosa a discussão sobre natureza em Marx e que é leviana a acusação de que na sua teoria existe uma visão antropocêntrica. Embasada por Bellamy Foster e Clark, Federici discorre sobre a profundidade do papel essencial da natureza na vida humana e no desenvolvimento capitalista, insistindo que a natureza é indispensável para qualquer forma de produção:

Marx antecipou e condenou muitos dos problemas que estão hoje no centro dos debates e do ativismo ecológicos, a começar pela insalubridade da agricultura capitalista, a insalubre separação entre campo e cidade, o rompimento da interdependência necessária entre processos biológicos e ecológicos, que garante nossa reprodução, e o subsequente esgotamento do solo (FEDERICI, 2021, p.174)

A opção pelo socialismo para Marx também tinha por base a natureza no combate ao capitalismo. Há contudo pressupostos inconsistentes com a postura ecológica e um deles é o fato de Marx dar importância ao capitalismo como uma fase histórica necessária, almejando o desenvolvimento das forças produtivas. Um outro pressuposto comentado é a desvalorização da vida camponesa de pequena escala, idealizando na “ciência” atividades intelectuais produtivas separadas da vida no campo. A autora esclarece que essas vias que para Marx parecia possível não pode lhe ser cobrada com o rigor do pesadelo histórico que vivemos, já que ele não podia prever sendo um homem do seu tempo. De toda forma, é preciso estar atento pois a história do “desenvolvimento das forças produtivas é a história da colonização, de ondas recorrentes de fome, do desaparecimento de milhares de espécies e de uma alienação crescente em relação ao mundo natural” (FEDERICI, 2021, p.185).

Referência

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário*. Volume 1. 1ed. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021. ISBN978.65.5717.054.0

COMO CITAR

DEL RIO, B. Marxismo e Feminismo: resenha de *O patriarcado do salário* (Boitempo, 2021), de Silvia Federici. *Revista Cerrados*, 32(60), p. XX–XX. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i58.41259> cerrados/article/view/42211.